

Seis meses no teu coração

O Reencontro

A dor de partir não é nada em comparação com a alegria do reencontro.

Charles Dickens

Capítulo 1

O ano começou com vento, chuva e temperaturas muito baixas. No ambiente acolhedor do gabinete, Raul prestava toda a sua atenção no projeto que tinha diante dos seus olhos.

Sob a luz do candeeiro da sua secretária, a sua concentração no projeto em que estava a trabalhar era total. Havia que cumprir com o prazo estipulado de antemão com o cliente e tinha até ao dia seguinte para terminá-lo. Logo pela manhã teria uma reunião com o seu chefe e o cliente, onde apresentaria o seu trabalho, trabalho que lhe tinha tomado doze horas por dia do seu tempo e energia, no último mês

Olhou a vidraça da ampla janela, onde o ruído da chuva que a golpeava impiedosamente, o tinha feito levantar a cabeça, distraíndo-o momentaneamente do seu trabalho.

Suspirou profundamente! Afinal quem é que no dia de Ano Novo, se encerrava num gabinete, ladeado de inúmeros outros vazios e às escuras, num prédio de cinco andares igualmente vazio e às escuras?

Recordou o telefonema que fizera para a mãe no dia anterior, em que ela o chamara à atenção sobre o tempo excessivo que dedicava ao trabalho:

- Raul, meu filho, não trabalhes tanto! Tens que te divertir também. Fazia-te bem sociabilizares mais, fazeres amigos...

Ele entendia muito bem o que a mãe lhe queria dizer, a vida podia terminar de um momento para o outro e aquilo em que as pessoas se empenham avidamente, pode resultar numa tremenda perda de tempo, perante os imprevistos da vida.

Ela sabia bem demais como tudo poderia acabar subitamente, deixando uma sensação de vazio no coração. Como sentia saudade dela!

Desde que ela se tinha mudado para aquela pequena propriedade que comprara nas cercanias da cidade de Bragança, visitava-a uma vez a cada dois meses. Sabia que ela estava bem, em paz, tranquilamente fazendo as suas peças de artesanato que vendia numa pequena loja da cidade. Estava sozinha, e isso preocupava-o! Ainda era uma mulher ativa, elegante e bela, apesar de ter cinquenta e cinco anos, mas recusava-se a falar com ele sobre voltar a ter um companheiro.

- Quero que tu encontres alguém para partilhares os teus dias, alguém que te acompanhe no futuro. Para mim, o amor já não é uma perspetiva realista. – disse-lhe uma vez quando a fora visitar, e enquanto partilhavam o jantar junto à grande lareira acesa.

Sempre que ele tentava tocar no assunto, ela mudava teimosamente de conversa. Tinha esperança que ela voltasse a refazer a vida dela, estava viúva há vinte anos e merecia ser feliz. Havia dedicado toda a sua energia ao filho, a dar-lhe uma vida confortável e uma excelente educação, nunca deixava que nada lhe faltasse, e depois da morte do pai dele, vendera tudo, simplificara a vida, e poupava o máximo de dinheiro que pudera para que ele pudesse fazer o seu curso de arquitetura.

“A tua mãe tem razão...não tens vida própria?”, murmurou sorrindo e recomeçou a trabalhar.

Capitulo 2

Virgínia olhou Raul atentamente, procurava a melhor maneira de lhe dizer o que tinha para lhe dizer. Ensaiara cada palavra, cada

frase, mas agora parecia que as palavras não faziam sentido e as frases ensaiadas haviam desaparecido da sua mente.

- Que tinhas de tão importante para dizer-me? – perguntou Raul ao perceber a hesitação dela.

Tinham-se conhecido no último ano da universidade, apaixonaram-se e, durante os últimos dois anos tinham feito inúmeros planos para um futuro a dois.

Raul começara a trabalhar de imediato na AG-Projetos de construção, em Leiria, primeiro como estagiário e mais tarde tinha sido incorporado na equipa de arquitetura depois de dar mostras inequívocas da sua competência.

Virgínia, por seu lado, era filha de um arquiteto de renome que fizera questão de oferecer à filha o seu próprio gabinete de decoração e design de interiores em Coimbra, onde a família dela vivia.

Todos os dias falavam por telefone, e todos os finais de semana, Raul rumava a Coimbra para estar com a namorada. Virgínia ressentia-se por ele trabalhar tanto e não conseguir estar sempre junto dela, mesmo sabendo que essa exigência não era racional.

- Penso que talvez seja melhor separarmo-nos por um tempo - disse ela por fim.

Raul foi apanhado desprevenido, o garfo a meio caminho entre o prato e a sua boca, voltou a ser pousado ainda com a comida presa nele.

- Porquê? – perguntou-lhe, cruzando as mãos sobre a mesa e fitando-a fixamente – Fiz algo que te tivesse aborrecido?

As luzes de Natal enfeitavam as ruas da cidade de Coimbra, e o restaurante elegante onde tinham ido jantar estava primorosamente decorado para a ocasião festiva.

- És uma ótima pessoa, gosto muito de ti, talvez sejas o homem que muitas mulheres desejam ter ao seu lado... - começou por tentar argumentar de forma hesitante.

- Mas... – disse ele de maneira algo impaciente e com uma certa dose de irritação na voz.

- O problema não és tu...sou eu que...

- Por amor de Deus, Virgínia! Diz o que tens para dizer de uma vez! Não quero, nem preciso dos teus elogios, apenas quero entender porque estás a romper o compromisso comigo!

- Sinto que tens pouco tempo para mim! – disse ela fazendo beicinho – estás sempre demasiado ocupado com outras coisas...

- Isso tudo é porque não pude vir ter contigo, e passar a véspera de Natal com a tua família? Não estou aqui agora? Por Deus, Virgínia! Desdobro-me entre Leiria onde vivo e trabalho, e Coimbra onde tu vives e trabalhas. Vejo a minha mãe no máximo de dois em dois meses porque não é viável financeiramente que faça mais viagens...que esperas tu de mim, afinal? Que seja um super-homem?!

- Não é só isso Raul! Não foi só porque não vieste passar o Natal connosco na Serra da Estrela...no Verão também não vieste passar as férias que eu já tinha programado! – disse com a atitude de uma menina mimada e muito diferente da que seria expectável de uma mulher adulta que tinha de trabalhar para se sustentar – Tive que estar no Algarve sozinha! – acrescentou lamuriando-se.

- Que eu saiba estiveste de férias com os teus pais, e com os vossos amigos comuns. Nunca, em momento algum, estiveste sozinha! – respondeu sem esconder o enfado pela atitude birrenta da sua namorada.

- Já me informaste que tens um projeto muito importante para entregares no início do ano, o que é suficientemente claro para

me fazeres entender que na passagem de ano também estarás demasiado ocupado...trabalho e mais trabalho, só pensas nisso...não tens tempo para mim! – resmungou com acidez

- Valha-me Deus, Virgínia! – explodiu sem querer, fazendo com que as pessoas sentadas nas mesas próximas, olhassem para eles com curiosidade –Tu sabes muito bem que eu tinha as férias marcadas para setembro, mas insististe que tinhas de ir para o Algarve com os teus amigos em agosto... que querias que eu fizesse? – disse ele num tom de voz muito baixo, fazendo com que as atenções das pessoas em redor se dispersassem.

- Que tentasses alterá-las e nos acompanhasses! – respondeu de mau modo.

- E quem te informou que eu não tentei alterá-las para ir contigo? Simplesmente não foi possível! – exasperado e pensando que por muito que argumentasse, ela simplesmente não queria ouvir, concluiu levantando-se da mesa – bem minha cara, vejo que não te interessa ter ao teu lado uma pessoa que te ame, uma pessoa que tenha personalidade, ilusões e planos, anseios legítimos e inteligência. Não, isso não é suficiente para ti...o que tu queres é uma mascote que te obedeça sempre que a chamares, e que se sinta feliz com a atenção que lhe dás, quando queres e da forma que queres.

Virgínia cravou o olhar reprovador e surpreendido em Raul, balbuciando atrapalhada:

- Onde vais?

- Para casa, minha senhora! Passe bem e esqueça que eu existo!

Deixando uma generosa quantia sobre a mesa, fez sinal ao empregado de mesa, vestiu o casaco e saiu do local.

Deixara Virgínia plantada na sala olhando para a porta, por onde ele havia saído como se o perseguissem. O nervosismo fê-lo rir, por causa da figura que ela fizera, abandonada a meio da refeição.

Inspirou profundamente o ar gelado da noite na tentativa de se acalmar. Tinha uma longa viagem de regresso a Leiria, e desejava chegar ao seu pequeno apartamento, tão rápido quanto lhe fosse possível.

Estava a abrir a porta do carro quando o seu telemóvel começou a tocar. No visor apareceu o nome da agora, ex-namorada. Rejeitou a chamada, colocou o carro em movimento e desapareceu na noite.

Capitulo 3

Diante do espelho, Valentina verificava por uma última vez, a sua maquilhagem suave em tons de rosa. Com a mão alisou os longos cabelos negros e brilhantes, cuidadosamente lavados e escovados. Sorriu para a imagem que via refletida diante de si.

O elevador deteve-se no último piso, onde se situava a empresa AG – Projetos de Arquitetura. Tinha sido admitida para trabalhar como rececionista no mês anterior, e gostava de ser pontual e cumpridora com as suas funções. Olhou para o relógio que estava frente ao elevador, logo acima do balcão da receção, e viu que eram precisamente oito e vinte e cinco da manhã. Tinha meia hora para abrir os gabinetes, ligar o ar condicionado e as luzes em cada um deles e por fim, preparar a sala de reuniões. Tinha de verificar se havia garrafas de água, açúcar e capsulas de café suficientes.

Despiu o grosso casaco que a abrigara do frio que se fazia sentir nas ruas, pousou a sua carteira, e caminhou pelo longo corredor acendendo as luzes e o aquecimento, à sua passagem. Verificou

se a sala de reuniões estava preparada para a primeira reunião que teria lugar dali a uma hora.

O seu cabelo ondulava a cada movimento do seu corpo. Sentia muito orgulho nele, sempre lhe disseram que era tão belo como tinha sido o do seu pai, pena é que sempre o conhecera já grisalho, pelo menos as suas lembranças de infância só lhe traziam a imagem de um homem triste e prematuramente envelhecido. Tinha igualmente os olhos negros e risonhos que via nas fotos de seu pai, quando ele possuía a idade dela.

Deteve-se subitamente surpreendida, uma ténue luz saía do ultimo gabinete á esquerda, era o gabinete do arquiteto Raul Lemos. Apressou o passo para ver o que se passava. “Será que o Raul (como fizera questão de ser chamado por ela, a partir do momento em que foram apresentados) esqueceu a luz acesa?”.

Quando chegou à entrada do gabinete, o coração começou a bater desordenadamente no peito dela. Ele estava ali, era ele! Não queria aceitar que se tinha começado a enamorar daquele homem simpático, descontraído e jovial. Afinal sabia pelas coscuvilhices do escritório, que ele estava comprometido com uma ex-colega de universidade, a quem visitava em Coimbra, todos os finais de semana. Compromisso esse que certamente resultaria em casamento!

As mãos tremiam-lhe quando as estendeu para o cabelo loiro, e revoltou em resultado de ter estado apoiado nos braços estendidos sobre a mesa de trabalho. Resistiu à tentação de os acariciar, e resolveu tocar-lhe meigamente no ombro chamando suavemente pelo nome dele:

- Raul, Raul, acorde por favor.

-Como? O quê? – disse ele estremunhado, esfregando os olhos e olhando em redor.

- Estava a dormir, Raul. Veio trabalhar para aqui ontem e deve ter sucumbido ao cansaço.

- Pois foi – disse ele, encarando-a com os seus belos olhos verde, ainda ensonados – Que horas são?

- São oito e quarenta – respondeu olhando o seu relógio de pulso.

- Tenho a reunião com o cliente daqui a cinquenta minutos, e estou neste estado – disse levantando-se e olhando para as roupas amarrotadas.

- Vá a casa num instante, tome um duche e mude de roupa. Volta depois! Fique descansado que eu arrumo o seu gabinete, e terá tudo ordenado quando voltar.

- Que faria eu sem ti Tina! – disse correndo para fora do gabinete. Voltou atrás, segurou o rosto de Valentina entre as suas mãos e deu-lhe um beijo na testa. – Obrigado! – e saiu novamente correndo.

Valentina ficou imóvel no centro da sala, entre surpresa e maravilhada com o gesto ternurento dele para com ela, um gesto espontâneo e sem qualquer réstia de maldade.

Adorava aquele homem, a cada dia que o ia conhecendo um pouco melhor, a sua admiração por ele ia crescendo. Era sempre gentil e atencioso, ao contrário de alguns colegas dele que olhavam para ela como se fosse transparente, ou com olhares que a deixavam desconfortável. Ele pelo contrário, sempre tinha algo simpático para dizer, o que a encantava.

Era um perfeito cavalheiro! “Deve ter sido muito bem-educado pelos pais”, pensava ela enquanto arrumava o espaço e o deixava sem qualquer vestígio de ter sido o quarto dele na noite anterior.

Tomou o seu lugar na receção para dar início ao seu dia de trabalho, ainda pensando naquele homem que lhe acelerava o